ridos no momento exato em que o pastor e Texas Ranger, já arvorado também em *referee* (lembrando Ward Bond e Michaelson de Barry Fitzgerald), proíbe os golpes sujos. Nessa seqüência, as danças que precedem ao casamento — "o melhor casamento que não cheguei a fazer", diz o pastor já pronto a voltar a seu Texas Ranger e prender Wayne pela morte de um mercador — recordam a quadrilha de *The Sun Shines Bright* (O Sol Brilha na Imensidade), sobretudo no enquadramento. Da mesma forma, o ataque final ao acampamento dos Comanches, Com Wayne e os Texas Rangers na vanguarda da Cavalaria esperando o amanhecer, tem pontos de contato com o massacre do coronel Thursday (Henry Fonda) em *Fort Apache*.

Não só leal aos seus amigos, Ford também é fiel a si mesmo. Seu último filme está sempre a recordar aos espectadores os seus filmes anteriores. É temperamento, é gênio — e um dos elementos que explicam também a sua grandeza, de que *The Searchers* é apenas a manifestação mais recente. Um grande *western*, tem, em tudo o que faz a sua equipe, o sinal da classe do cineasta. A fotografia de Winto C. Hoch, com os exteriores de Monument Valley (e cenas suplementares rodadas em Alberta, no Canadá; Gunnison, no Colorado; e no deserto do New Mexico), é admirável, e a música de Max Steiner, inspirada por vezes em temas folclóricos, está entre as mais significativas do veterano compositor, que, por sinal, conquistou com um filme dirigido por Ford (*The informer*) o seu primeiro Oscar. Bom, o *script* de Frank S. Nugent, já habituado a dar a Ford o que é de Ford.

É excelente, o elenco, com John Wayne num dos personagens mais complexos que já interpretou e numa de suas maiores *performances*, admirável sobretudo na cena em que ao preparar-se para puxar o gatilho, seus olhos encontram os da sobrinha e ele parece reconhecer na menida o seu sangue — e a levanta nos braços para conduzi-la, agarrada a seu peito, até o rancho. Taciturno e amargo, Wayne, em *The Searchers*, odeia os índios: numa cena, fura a tiros os olhos de um índio morto, e, ao entrar no acampamento dos Comanches, atropela uma mulher e, encontrando Scar já morto, escalpela-o. Ótimos, também, Ward Bond, Olive Carey, Jeffrey Hunter — mas não há nomes a destacar, pois todos cumprem até o fim sua missão.

# Moniz Vianna, herói de John Ford.

*Carlos Diegues*

"Além de nossos cineastas e filmes preferidos, minha geração sofreu também enorme influência de alguns ensaístas, críticos e animadores culturais que, por motivos diferentes, tiveram papel importante na nossa formação. Na minha adolescência, por exemplo, os sucessivos festivais nacionais de cinema (Americano, Francês e Italiano), organizados pela Cinemateca do MAM, foram decisivos, na descoberta de filmes que eu não teria conseguido ver de outra forma. Moniz Vianna era quem organizava esses festivais, com uma obsessão e um amor ao cinema que chegavam às raias do delírio. Esse delírio nos contagiava e, ao mesmo tempo que se descobria a história do cinema, se introjetava em nossos espíritos o fascínio definitivo por esta forma de expressão e de conhecimento que haveria de ser a marca do século. A minha curiosidade de adolescente apaixonado pelo cinema estava sendo semeada pela força delirante de um homem que só conseguia ver o mundo através do manto diáfano do *écran*, liberando com sua obsessão as nossas mais belas e generosas fantasias. Como crítico, Moniz Vianna exercia sua influência através de implacáveis provocações que muitas vezes nos pareciam excessivas. Em vez do mestre paciente e paternal, em vez do solidário militante, Moniz preferia o papel de agressivo provocador, tantas vezes incompreensivo e incompreendido. Ele atirava com a mesma dureza e generosidade de um herói de John Ford, a arma em punho e os olhos úmidos, em direção a um *happy end* épico de cujos mistérios ele tinha um conhecimento difícil de dividir com os outros. Nesse papel, somente o amor ao cinema o guiava. E era em nome desse amor, do respeito por ele, que Moniz lutava para que não se fizessem filmes em nome de outra coisa que não fosse o cinema, para que não se utilizasse o cinema apenas como pretexto para outras coisas, para que o cinema não fosse um exercício de submissão. A minha geração entendeu essa mensagem, mesmo que às vezes nos ferisse o ricocheteio das balas obsessivas, do tiroteio incansável e implacável. Agressivo, obcecado pelo amor ao cinema, dominando um conhecimento raro daquilo sobre o que escrevia, inimigo de toda forma de complacência, espirituoso e duro, sempre emocionado, Moniz Vianna foi, a seu modo, um dos grandes *educadores* do cinema brasileiro, como o foram outros monstros sagrados da nossa juventude, como Walter da Silveira, Alex Viany ou Paulo Emílio Salles Gomes".